

CORREIO DA PEDRA

ÓRGÃO DE INFORMAÇÕES

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redactor-Gerente—J. ROBERTO

Anno VIII

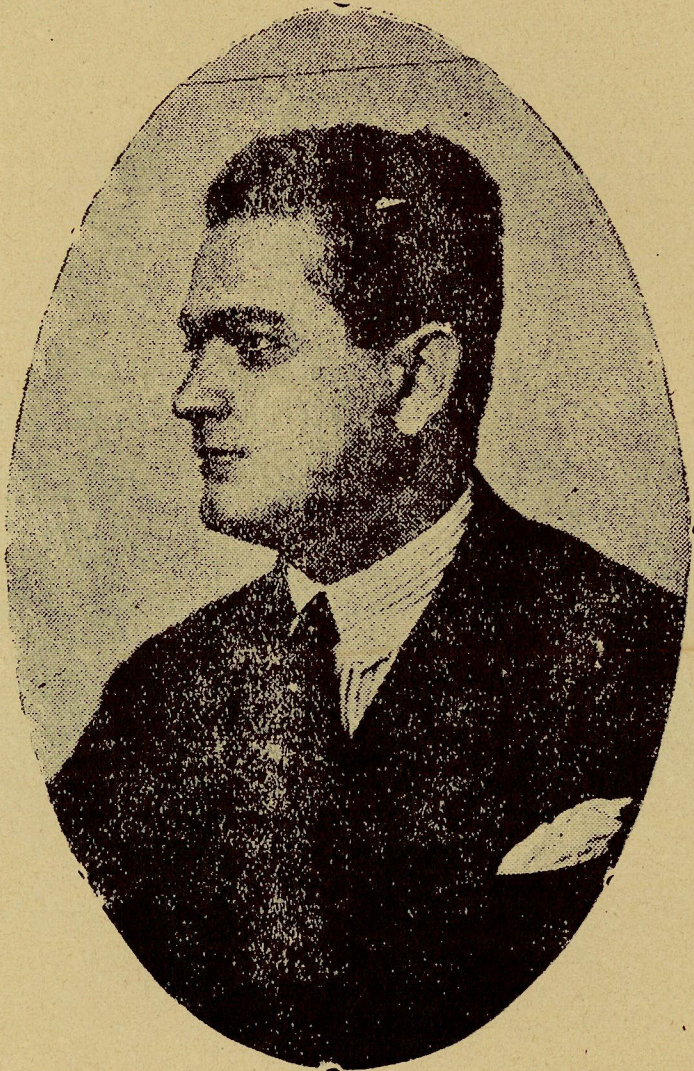
Pedra-Alagôas 8 de Março de 1925

N. 336

GOVERNADOR COSTA REGO

A data de 12 deste mez registrará o anniversario natalicio do exmo. sr. Costa Rego, governador de Alagôas.

Escolhido para o alto posto de primeiro magistrado do Estado, dados os requisitos que o indicavam para tão subido encargo, quer pela sua afanosa capacidade de trabalho, quer pelo brilhante destaque no seio do seu partido, tem o sr. Costa Rego, á frente do governo, feito



provas da sua operosidade, do interesse pelos negocios publicos, zelando criteriosamente as arrecadações, com o fim de proporcionar os possiveis melhoramentos reclamados pelo seu torrão.

Do seu recanto sertanejo o "Correio da Pedra" envia ao illustre alagoano os votos que, sinceramente, formula pela felicidade pessoal de s. excia. e pelas prosperidades da sua proficua administração.

Dr. Ernandi Bastos

A interesses da ordem publica, violentamente perturbada pela presença do bandoleiro Lampeão e seu nefasto grupo, esteve na cidade de Agua Branca, sede do municipio, o exm. dr. Ernandi Bastos, digno secretario do interior, deste Estado.

O alto auxiliar da administração do governador Costa Rego demorára-se, antes, na cidade de Paulo Affonso, encaminhando, como melhor lhe pareceu aos fins que tinha em vistas, as diligencias, das quaes é de esperar completo exito, attentas as precauções e medidas que foram tomadas.

Pela madrugada de terça-feira, via Garanhuns, retornou o dr. Ernandi Bastos a Maceió.

Boa viagem.

Terra Esteril—Já foi

entregue ás officinas graphicas do *Jornal do Commercio*, do Recife o *Terra Esteril*, livro de versos com que o estro vibrante de Severino Leite vae mimosear os apaixonados pelas boas obras de Arte Impecavel.

O magistrado integro, que é hoje Severino Leite não abandonou o cortejo ás musas por estar submisso ao culto de Themis, e, assim, entre a frieza dos codigos e as interpretações do direito, fica-lhe o tempo para mergulhar na fonte de Castalia a florescencia do seu grande talento e dar-nos

O flagello ferroviario

A *Gazeta da Bolsa*, que Victor Marks dirige superiormente no Rio de Janeiro, e é de facto uma publicação que, com extremada solicitude cuida dos altos e immediatos interesses economicos do paiz, estampou, subscripto por Nelson Lustosa, na edição de 2 do mez passado, sob a epigraphe— «O flagello ferroviario» — o monumental artigo que adeante inscremos, cujos conceitos, sob a mesma ordem de idéas, tem sido, por mais de uma vez, tratados nas columnas da nossa modesta folha, senão com o mesmo traço magistral e a mesma lucidez de exposição, todavia com igual sinceridade, com identico desafogo, sob a impressão dos mesmos propositos em beneficio do norte esquecido.

No caso tarifario da Great-Western, com o ultimo augmento decretado, a verdade é que os negociantes de algodão desta villa, da cidade de Agua Branca e de outros muitos pontos, voltaram a transportar em carros de bois e costas de animaes, os fardos de algodão que, destinados a Penedo, são levados ao embarque fluvial em Piranhas, e isso porque o augmento dos fretes na estrada Paulo Affonso não permite, sob nenhum ponto de vista, a preferencia do caminho de ferro deante das prohibitivas tarifas adoptadas.

Ahi vae o momentoso trabalho de Nelson Lustosa:

«Enquanto aqui no sul o Governo trata de solucionar a carestia da vida, de resolver a crise economica e financeira em que estupidamente se debate o paiz, o nordeste tem augmentadas escandalosamente as tarifas da sua principal empresa de transporte.

O regimen tributario mandado vigorar na rede de viação da «Great-Western» é o attestado mais eloquente da pouca valia das Unidades nordestinas, do desinteresse nacional pela prosperidade dessa parte do Brasil. O norte é sempre o norte, esquecido e odiado, que não tem interferencias nas decisões e nos altos negocios publicos do paiz, porque nada representa no indice da riqueza sulista; por isso também muito pouco tem conseguido da União. Com Epitacio Pessoa no governo os ventos mudaram e com elles o progresso se enca-

versos como os do *Terra Esteril*, que irão deliciar os adoradores da poesia inspirada e trabalhada com o esmero dos artistas perfeitos.

Nostalgia eterna

Ao J. Roberto,—recuerdo!

Nos longínquos confines da minha terra,
ao pé da serra,
na soledade,
Vive cantando, ao riso matinal,
seu madrigal
minha saudade.

Tem na face um sorriso sempre puro.
Nella procuro
severidade...
Em vão: sempre jovial e sempre boa,
e rir, á fôa,
minha saudade.

Quando lhe vejo o olhar resplandescente,
tão reluzente
na escuridade,
Cuido ver um phorol de intensa luz,
que espalha, á flux,
minha saudade.

Quando escuto uma voz serena e lerna,
de sempiterna
sonoridade,
Nem procuro saber de onde provém,
pois só a teu
minha saudade.

Se no espaço resurge alguma estrella
nova, tu ao vel-a
na immensidade,
Fico alheio, indeciso, e penso até
que ella já é
minha saudade.

Quando a Musa me afaga e a mente inspira,
ao som da lyra,
com amenidade,
Canto um hymno de amor á natureza,
á que está presa
minha saudade.

S'ja embara illusão, ou seja um sonho,
que assim supponho
realidade,
Sei que vivo a cantar, de quando em quando,
em verso brando
minha saudade.

Olavo de Campos
Usina Uruba 1925.

minhou para as regiões abandonadas, embrenhando-se sertões a dentro no seu impulso civilizador. Fóra do poder o administrador famoso, voltou o norte ao esquecimento, voltou ao regimen do carro de bois. E sempre que delle se lembram é para lhe proporcionar beneficios como esse do novo systema tarifario que, além de «offender aos interesses do commercio e de ferir profundamente á cultura algodoeira», como disse algures o Sr. Isidro Gomes, presidente da Associação Commercial da Parahyba do Norte, poderá—quem sabe?—ocasionar o desequilibrio economico da região, sobrecarregado como fica o ouro branco.

Com a adopção de taes medidas, inconsequentes e deshumanas, experimenta-se um grande desanimo quanto ao futuro daquelles quatro Estados, que vêm obstaculizados absorventemente pela companhia ingleza a expansão e o desenvolvimento do seu commercio, da sua agricultura e das suas industrias.

Entendo, por isso, ser insolúvel tal situação, como entendo que mais ruinoso que o flagello das seccas tem sido para o nordeste o flagello ferroviario, porque é constante, tenaz e cruel.

—Nelson Lustosa».

Quem, depois de ler estas linhas, sendo devéras brasileiro e nortista, não deseja ver este pedaço da patria livremente crear, crescer, subir?

J. Roberto

Cangaceiros

Quero crer que desta vez o governo do Estado actuará decisivamente contra os bandoleiros, e poderemos, por tempos, ter noites de somno tranquillo e dias sem sobresaltos.

Até agora, atravessados mais de sete annos, não me pude acostumar ainda com essa continuada investida de cangaceiros contra o lar, contra a propriedade, contra a vida.

Quando começam a vagar as noticias de que o bando dos malfeteiros está perto, toda a população se inquieta, se movimenta. Aprestam-se os rifles, adquirem-se balas; experimentam-se armas e, á noite, grupos municiados esperam todas as estradas.

Ha quem não se incomode com tudo isso, como, por exemplo, o papá, que, cansado do serviço quotidiano, entra calmo em casa, alta noite, e, aos nossos receios, oppõe pachorrentamente essa phrase: «Lampeão sabe que eu não tenho dinheiro, portanto não me incomodará.» E cá na rede a dormir, tranquillo, sem uma arma em casa, confiado apenas... em ser pobre.

Mas eu não me acomodo com isso; desassocego-me; passo noites em vigilia...

Ahi se o governo nos restituísse a desejada tranquillidade...

Airam Amil

O voto secreto—Recebemos, sob este titulo, a carta aberta que, ao exm. dr. Carlos de Campos, governador de S. Paulo, foi dirigida por Monteiro Lobato, Vergueiro Steidel, Spencer Vampre, Sampaio Doria, Fernando de Azevedo, Mario Pinto Serva, e outros.

Trabalho de folego, em que o assumpto é abordado com precisão e clareza, a carta está escripta com o cunho de sinceridade que enaltece o devoto carinho de quem, patrioticamente, deseja melhores dias ao grande paiz, que é este nosso estremecido Brasil.

Rithmos

Alma nostalgica, alma dolente que vagueias para o céu azul do Sonho no eterno mysterio da saudade, escuta:

—E's o supplicio de ti mesma; cinge-te a fronte macerada e bella, como a rosa que o pameiro desfolhou, a murcha corôa de illusões fanadas; tua voz é o echo de sentidas queixas morrendo além na erma espessura dos vergéis em luar...

Se passas, fica gemendo um coração ferido; teu pranto cai nas almas e faz germinar, como um milagre divino, o arroxado goivo da Saudade. Alma nostalgica, alma dolente, passas, e fica embalando o ar o perfume subtil e venenoso com que enebrias, intoxicas e mafas. Não sabes rir, porque só aprendeste a chorar; não és como eu: ha um clarão na minha alma, como diluculo da aurora, — é a Esperança, és tu! Sombra errante a deslizar na terra, minha alma não alcança a tua; és como o fogo fatuo sobre a lage dos sepulchros!...

—Solitaria em meu retiro esconso, nada sei do amor!... Desperdiei ao vento que passava as primeiras canções que me rouxinolaram na alma; quiz tornar-me insensível, zombar do amor e philosophar com a verdade... Louca! Sou hoje uma sombra exhausta de sonho, sem uma recordação perenne, uma saudade vaga ou uma illusão fugaz. Sou como o sarcophago sem corpo, onde nunca se depositou uma flor ou se fez crepitar um cirio. Meus olhos são notivagos pyrilampas, tristes beduinos alados, cansados de correr o céu...

—Alma nostalgica, alma dolente que te encaminhas para o azul no eterno mysterio da Saudade, vem ser meu oasis na terra...

—Eu sou Jamyna, de seio moreno e perfumado!... Nunca poderás ser meu venturoso esposo!

Ê. Pacheco